

## **Michel Henry e o pensamento científico contemporâneo**

Ângela Lacerda Nobre

Escola Superior de Ciências Empresariais do Instituto Politécnico de Setúbal – ESCE-IPS; Centro de Estudos de Filosofia - CEFI

### **Resumo**

A fenomenologia material de Henry constitui-se como uma matriz de leitura da contemporaneidade. No contexto das comunidades científicas e das suas relações com o mundo da política, dos labores da polis, e dos jogos de influências mútuas que se estabelecem entre ciência, política e o desenho de intervenções concretas, Henry traz estruturas de interpretação da realidade que permitem criar abertura e confiança face aos desafios colocados à humanidade. A tecnociência e, ainda, as estruturas sócio-técnicas, são meios privilegiados para explorar o potencial renovador da fenomenologia radical henriana.

**Palavras-chave:** tecnociência, estruturas socio-técnicas, comunidades científicas, ipseidade, afectividade.

### **Introdução**

Criar um guia de leitura da obra henriana que aponte para a sua pertinência na interpretação das ligações entre ciência, política e sociedade no contexto da contemporaneidade é um desafio que pressupõe um trabalho prévio, o de explicitar pontos de contacto que suscitem tal tarefa.

“A afectividade é a essência da ipseidade”, diz-nos Henry na sua obra fundante, a *Essência da Manifestação* (1963). São a ipseidade e a afectividade, conceitos centrais na fenomenologia material, os pontos de contacto com o mundo das organizações humanas, das práticas sociais e das estruturas de funcionamento que comandam as vidas na contemporaneidade.

### **Tensão criadora entre pensamento dominante e não-dominante**

A ciência, em particular a tecno-ciência, adquire um papel central nas sociedades contemporâneas. As ligações entre ciência, tecnologia e sociedade colocam desafios radicais às mentalidades vigentes, em termos de visões do mundo, que, por seu lado, vão afectar as relações inter e intra instituições. Estas relações institucionais,

permeáveis à influência da sociedade envolvente, são estruturas sócio-técnicas por excelência.

As mentalidades, estes *mindsets*, ou estados mentais e atitudes de base, constituem-se como um conjunto fechado de soluções para os problemas que as sociedades defrontam, a nível económico, político ou ambiental.

Este enquadramento dado pela mentalidade vigente pode ser considerado como um padrão de pensamento dominante. O pensamento dominante caracteriza-se pelo efeito generalizador e homogeneizador que esconde a diversidade e a mudança. O pensamento dito dominante é constitutivamente monolítico e míope que, tal como a ponta de um iceberg, revela menos do que aquilo que esconde.

O termo dominante pressupõe a existência do pensamento não-dominante, caracterizado pela heterogeneidade e, até, divergência e conflito entre posições díspares e fragmentadas. Contudo, é relevante salientar que todo o pensamento é eficaz enquanto captar uma tensão criadora cujo melhor exemplo de concretização é a instância da relação entre pensamento dominante, óbvio, naturalizado, padronizado e normalizado, e o pensamento não dominante, contra-intuitivo, disruptivo e paradoxal.

A tensão criadora funciona como uma reacção química, como uma faísca, um fermento ou um catalisador. Visível ou invisível, explícito ou implícito, formal ou informal, consciente ou inconsciente, no seio de uma comunidade ou no interior de um diálogo a solo, esta tensão é contínua e eficaz pois cada uma das partes, a dominante e a não dominante, vai ter em conta a pressão e o racional da sua opositora ao formular uma nova resposta.

Contudo, surgem equívocos, ciclos viciosos e becos sem saída aparente. A historicidade, tida como a interpretação histórica da aventura humana, ilustra as tragédias que ocorrem não provocadas por catástrofes naturais mas pela mão humana. Tragédias intencionalmente perpetradas são o resultado de uma programação deficiente, de uma organização e funcionamento das estruturas e das práticas sociais cuja finalidade foi pervertida, invertida e corrompida. Melhor dito, uma organização ineficiente revela um equívoco. Pode ser chocante apelidar de equívoco um genocídio ou os crimes contra a humanidade mas é disso que se trata, de encadear um conjunto de valores e de significados cujo resultado final não é desejável. Mais importante e mais grave ainda, acções estas cujo resultado tende a deixar vestígios, deixando acumular-se a continuidade de equívocos, perpetuando-se no tempo, caracterizando épocas históricas e, até, civilizações.

A obra de Henry e a tradição da fenomenologia, da ontologia e da filosofia da vida em que o trabalho de Henry se inscreve, oferece ricos contributos em relação à possibilidade de interpretação da realidade contemporânea. Estes contributos incluem a esfera da intervenção social e política, exercida através das práticas concretas das comunidades científicas, profissionais e académicas. Deveras, estes contributos incluem, ainda, a experiência individual e singular da existência, tal como esta se apresenta. Estes são dois lados da mesma moeda pois a existência humana só se manifesta nesta simultaneidade, individual e colectiva.

A possibilidade de enunciar de forma clara e objectiva, desempenhando o papel de elucidar as conexões e a argumentação, nas ligações entre ciência e sociedade, é uma tarefa de artesão de filigrana. A militância ambiental convoca a atenção para vícios de raciocínio e para a necessidade imperiosa de se fazer melhor uso do conhecimento já disponível. Toda a produção científica envolve um discurso passível de ser interpretado filosoficamente. A eficácia do uso do conhecimento já disponível envolve não uma lógica linear e causa-efeito mas sim uma lógica narrativa, plural e diferenciadora, cuja unidade se faz a partir do esforço e da tensão entre uma multiplicidade de polos opostos. Cada espectro, polarizado, revela novas dimensões que abrem novas vias de resposta às questões concretas e aplicadas com que as sociedades contemporâneas se defrontam na actualidade.

É este o desafio a que a obra henriana convoca, ao questionamento dos pressupostos não apenas da sociedade ocidental mas antes de como é que o contexto histórico das sociedades contemporâneas revela e manifesta perplexidades, paradoxos e ambiguidades cuja resposta já aí está, na tradição da filosofia da vida e do que Henry explicitou aplicando às mais diversas áreas do conhecimento.

A obra de Henry não está circunscrita culturalmente mas antes revela não só uma antropologia mas também uma onto-fenomenologia pois a filosofia material henriana abrange o todo, um todo diversificado e diferenciador, aberto às infinitas manifestações da vida como realidade em acto.

### **Os desafios do real concreto**

“Barbárie é energia não utilizada, é puro desperdício.” (Henry, 1987). Será no aqui e agora, na opacidade do real concreto que se joga a relevância, mais ainda, a urgência, de pensamentos radicais e mobilizadores. Radicais e mobilizadores porque denunciadores e esclarecedores, em simultâneo. A possibilidade de distinguir entre o essencial e o acessório será aquilo que melhor determina o potencial de acção da obra henriana.

A reinvenção do que significam os processos de criação de sentido, a racionalidade e a constatação de que a realidade se conta, se enuncia, da frente para trás, serão hipóteses que obrigam a uma desinstalação e a uma inquietude mobilizadora. Da frente para trás pois é necessário vincar que todo o mal do mundo se constitui como uma tarefa em curso, um programa por completar. O passado e o presente, até o momento actual, desde a origem do universo, revelam o melhor que foi possível obter.

Quanto ao futuro, é possível que esteja aberto a potenciais melhorias. No futuro, tudo estará em aberto na medida em que for possível criar novas leituras e novas interpretações da realidade, que se apresenta como memórias e como vivências cuja significação se manifesta como um movimento em espiral que tudo liga.

Só é possível ter um futuro em que tudo esteja em aberto a partir de um presente e de um passado que não se fechem sobre si próprios mas antes que tudo liguem. É esta a escrita de frente para trás.

Os desejos e ambições da humanidade concentram-se neste imperativo de dar respostas às inquietações. É o questionamento que abre caminho ao novo. Esta

abertura inclui a resolução de problemas mas antecede-a e ultrapassa-a. Para cada resposta concreta surge algo que fica pelo caminho e que fica por completar. É nesta tensão criadora entre o já e o ainda não que a obra henriana revela todo o seu potencial mobilizador da acção humana, seja em que contexto ou época for.

Assim se passa com a evolução, aos avanços e recuos, da forma como progride uma escola de pensamento, um modelo de civilização ou um exemplo de sociedade. São elementos díspares aqueles que nos permitem retratar, ilustrar e evidenciar aquilo que, uma vez degradado, irá esmagar, prender, fazer regredir e afundar uma realidade humana em todas as suas facetas. São exemplos destes elementos, que inauguram os ventos de mudança, a racionalidade, a tecnociência, a ipseidade e a investigação-ação. Estes elementos são ilustrativos dos desafios das sociedades contemporâneas e do potencial de mudança e de regeneração da filosofia henriana.

A fenomenologia material é um manifesto de acção e uma arma de combate. A paz exige a denúncia do que é omitido e falseado, em nome de pseudo-valores que mais não são que pequenos grandes equívocos que, uma vez acumulados e instalados, se tornam letra da lei.

### **A inversão fenomenológica**

A fenomenologia tradicional, desenvolvida por Husserl e Heidegger, é herdeira de um modelo de racionalidade que Henry vai superar, invertendo-o. A fenomenologia material de Henry é a sua resposta ao que se constitui como vida, como algo que emerge, centrado no corpo e em tudo “o que pode um corpo”, segundo a expressão espinosiana.

Será o *cogito ergo sum* traduzível para o “eu sinto” como uma experiência de excesso? Para Henry, a modernidade tem sido interpretada com base neste equívoco. A dualidade cartesiana e a noção de evidência que impôs, a partir do “eu penso, logo existo”, transforma-se, afinal, nas mãos de Henry, noutra evidência mais premente e fundante, a do “eu sinto, logo existo”.

Esta afectividade fundante, esta experiência de excesso, esta apelo que a todos convoca, todos os viventes, sem excepção, é uma manifestação de ipseidade, de singularidade, algo que é de tal forma único e irrepetível que se torna universal, partilhável por todos. É aquilo que é vivido da forma mais característica da realidade intrínseca de cada indivíduo que será também aquilo que lhe permitirá fazer a experiência da unidade na diversidade, da diferenciação na universalidade.

Para Michel Henry, é vida, é de vida que se trata. Esta vida, nomeada por Henry, corresponde a inúmeras instâncias, todas elas reveladoras de algo inaugural e vinculador. Experiência existencial, irreduzível, indizível, presente na linguagem dos poetas e dos amantes, é essa a vida de Henry. Esta vida conjuga-se com outras formulações igualmente enigmáticas porque poderosas e reveladoras, férteis e plenas de sentido, incómodas e inquietantes, questionantes e interpeladoras.

A vida, para Henry; o inconsciente, para Freud; a vontade de poder, para Nietzsche; o corpo, para Schopenhauer; ou a alma, para Descartes, assim se enuncia algo de novo a partir da pena de cada um destes pensadores.

Aquilo que se revela, que se deixa iluminar, que se mostra tal e qual é, em si mesmo, ao ser iluminado, é isso que se constitui como fenómeno e é uma fenomenologia a obra

de Henry, uma vez que apresenta um modelo de interpretação deste algo que se dá a conhecer e que se manifesta, se apresenta, como fenómeno. Este modelo, mais do que revelar a coisa em si, é antes um modo de compreensão de como se dá o próprio processo como acto, como algo pode aparecer e ser conhecido.

Henry faz uma inversão da fenomenologia de Husserl uma vez que contrasta a total exterioridade, que caracterizava a forma como Husserl identificava um fenómeno, como algo que aparece na sua exterioridade, no mundo, com uma concepção da fenomenalidade como algo material, encarnado, radical e da vida. Esta vida é muito diferente da vida biológica das ciências naturais pois excede-a.

Assim, para Henry, a vida é algo em potência, com poder, que se manifesta como experiência e sentido de si mesmo em todas as fases da vida biológica de cada ser humano. Por outras palavras, a vida é afecto e é força, essencialmente invisível, constituindo-se como uma experiência de si em si mesmo. Esta vida, esta força vital permite que o pensamento tenha acesso a si mesma, pensando a vida, i.e. não é pelo pensamento que primordialmente temos acesso à vida mas o inverso; quando damos pelo pensar já a vida aí está, em acto, em potência e em acção imparável. Esta vida invisível é total interioridade, daí a sua radicalidade. Temos acesso a esta vida numa total passividade, pois é uma vida que nos é dada, em pura gratuidade. É a vida enquanto tal, na sua radicalidade, que se dá em si mesma. Vemos a vida, os organismos vivos, os seres vivos e não vivos. Esta vida é participação, participação na vida que se dá e que é recebida em total passividade. A vida para Henry não é um universal abstracto mas sim um singular concreto.

Dada a profunda originalidade do pensamento henriano surge um paradoxo. Por um lado, a sua fenomenologia material prende-se a uma imediata e profunda transparência da vida, invisível, tal qual esta se apresenta a cada vivente, na interioridade única e irrepetível de cada um. Por outro lado, é criticada por ser difícil e exigente, rigorosa e profunda, apesar da sua aparente imediatez e simplicidade.

A vida, para Henry, é pura afectação de si mesmo, como ser vivente; é pura afectividade que se traduz por auto-afecção. Numa crítica a Freud, Henry argumenta que a pura passividade da vida que se dá a si mesma, coincide com o inconsciente freudiano, como vida, em termos de realidade patética.

### **A recepção da fenomenologia material**

A fenomenologia material de Henry é uma instância de diálogo entre saberes. Constitui-se como ponte, congregando experiências e mundividências que excedem as convenções disciplinares. Várias áreas científicas têm sido privilegiadas, nomeadamente as áreas da educação e da saúde. Esta recepção da obra de Henry entre não filósofos é significativa pois revela o seu potencial de acção e a sua capacidade explicativa em contextos complexos. Tem sido profícua a colaboração com a área da saúde mental, incluindo com profissionais ligados a abordagens psicanalíticas, o que é indicativo do espectro de actuação da fenomenologia material.

Quer na área da educação, quer na da saúde, a fenomenologia radical permite articular as perspectivas dos cuidadores e prestadores de cuidados com as dos pacientes e beneficiários de tais cuidados. Profissionais da educação e da saúde, de um lado, e

estudantes e pacientes, do outro lado, podem reconhecer em Henry a realidade por si vivida a um nível autêntico, denso e intenso. Esta autenticidade, densidade e intensidade permite dar voz a experiências de excesso e a situações limite. Acolhe e integra, elabora e articula, de uma forma radical e encarnada, aquilo que a vida tem para oferecer, levando à manifestação do seu máximo potencial.

A recepção da fenomenologia material pelas ciências centra-se num aspecto nuclear que é a afectividade. O carácter quantitativo das abordagens estatísticas, desde os grandes números ou *big data* à medicina ou educação baseadas na evidência, sofrem uma inversão com Henry. Nesta inversão, a evidência dada pelos afectos, pela passividade, por ser afectado por, é anterior e primordial, daí a sua fácil integração e adesão pelos profissionais da educação ou da saúde.

A fenomenologia material constitui-se como uma metodologia, como algo que permite tornar mais eficaz uma qualquer técnica profissional. Artistas, designers, urbanistas e arquitectos, ao criarem, desenvolverem e executarem um projecto, uma vez munidos com os instrumentos de leitura e de acção da fenomenologia radical poderão ter uma capacidade de intervenção e de criatividade com um poder de alcance que seria impensável em abordagens convencionais.

Políticos, gestores ou economistas, habituados a lidar com padrões de comportamento que revelam escolhas, preferências e valores, ao aderirem à fenomenologia henriana, poderiam reconhecer a importância do seu papel e a responsabilidade que ocupam na rede de relações que forma a sociedade. A vida, a vida como valor e como potência, como algo que os viventes partilham e que tem um alcance exponencial uma vez lançados os dados da sua manifestação, do seu pleno potencial, é esta vida em abundância que Henry oferece gratuitamente na sua obra.

Em termos cronológicos, foi a realidade do pós-guerra e da segunda metade do século XX aquela que Henry se sentiu desafiado a responder através da sua filosofia. Contudo, a actualidade do trabalho de Henry aparenta ganhar relevância com o passar do tempo. Na verdade, nas primeiras décadas do século XXI, os desafios da Europa e do mundo aproximam-se do cenário henriano que convoca a uma radicalidade e exigência na forma como a vida é vivida e pensada, como uma força vital e uma potência que a todos convoca, sem excepção, não deixando ninguém de fora.

Contextos de complexidade exigem respostas cabais. Contextos de violência gratuita, de destruição e morte, convocam uma urgência de resposta e uma clarificação de princípios. Se o bem se explica a si próprio, já o mal necessita de justificação. Esta justificação, esta tentativa de fazer-se justiça, apela a um sentido de movimento, de trabalho em curso, de incompletude e de progresso em aberto. Violência e destruição, quando entendidas como fruto de uma cultura desviante, remetem para a necessidade de colmatar tais deficiências, tais carências, como quem pega numa carga caída e a transporta para um pouco mais à frente. Henry abre caminhos, expande horizontes de acção e derruba barreiras.

## **Duns Scotus, a ipseidade e a modernidade**

O conceito de ipseidade em Henry é central para a apreensão do alcance da sua fenomenologia material. É a ipseidade que permite a ligação à afectividade, cuja dimensão integradora e universalizante se constitui como um elemento diferenciador de toda a realidade. “Aquilo que é sentido sem qualquer intermediação, é isso mesmo a afectividade.” (Henry, 1963)

O termo ipseidade, *ipséité*, em francês, e ipseitas, em latim, corresponde a algo individual na sua absoluta singularidade. Do latim, *ipse*, significa “si mesmo”.

Este termo foi recuperado no século XX por Heidegger e seus seguidores, designando o Dasein, como existência responsável, correspondendo ao ser próprio do ser humano.

É a ipseidade que faz com que cada indivíduo seja si próprio e não outro, deixando, assim, de ser um indivíduo, como um elemento de uma série, todos iguais entre si, para ser um ser singular e único.

Na Idade Média, Duns Scotus (1266-1308), o teólogo agostiniano, surge como a ponta de um iceberg, representando uma gigantesca onda de mudança no pensamento ocidental. Franciscano e escocês, Scotus teve uma grande importância no desenvolvimento do pensamento, quer teológico e católico, quer secular e filosófico.

Para Scotus, ipseidade representava o carácter particular e único, singular, de cada indivíduo.

Em termos doutrinários, Scotus acreditava que certas características podiam ser aplicadas de forma unívoca, tendo exactamente o mesmo significado, a Deus e às criaturas, enquanto Tomás de Aquino insistia que tal seria impossível, defendendo a doutrina da analogia, em oposição à teoria da univocidade.

Scotus é ainda considerado um realista uma vez que considera os universais como características reais. Por exemplo, a humanidade será algo comum a todos os indivíduos humanos, pois partilham da mesma natureza.

Na segunda metade do século XX, na década de 1960, o pensamento deste teólogo franciscano foi interpretado de forma inovadora como sendo o representante de uma mudança na forma como a natureza do “ser” era interpretada. Esta mudança dizia respeito a uma viragem epistémica, quando confrontada com o pensamento de Tomás de Aquino e dos pensadores que o antecederam.

Este acontecimento seria particularmente significativo uma vez que remeteria para o debate aceso sobre as origens da modernidade. O historiador da filosofia, J.-F. Courtine, na década de 1990, salientou a importância do pensamento de Scotus como peça fundamental da transição para a modernidade. Para Courtine, teria sido entre meados do século XIII, no tempo de Tomás de Aquino, e o século XVII, com Francisco Suárez, que uma mudança fundamental se teria realizado e que Scotus seria um personagem fundamental neste enredo. Assim, vários autores da época de Courtine argumentaram que Scotus foi o primeiro pensador a inaugurar o que Heidegger apelidou de onto-teologia.

Assim, Duns Scotus teve um papel importante como representante de uma nova linha de pensamento. As escolas de pensamento constituem-se como processos de continuidade e de rotura. As roturas disruptivas, revolucionárias, não são mais do que continuidades que não foram reconhecidas atempadamente. Se tudo é movimento e mudança, então, a classificação de escolas de pensamento prende-se com a questão

da sensibilidade à diferença, i.e., ao confronto em relação a um pensamento dominante *versus* o pensamento não-dominante. O pensamento dominante é *mainstream*, monolítico, rígido, ortodoxo e redutor, que ofusca uma miríade de movimentos divergentes, em conflito, fragmentários, dinâmicos, heterodoxos, diversificados e contraditórios entre si.

### **O diálogo com outras áreas do saber**

As ciências económicas e empresariais demonstram um apetite insaciável por novidades, como possíveis fontes de inovação. Contudo, e, paradoxalmente, revelam um elevado nível de conservadorismo na forma como, intencionalmente, delimitam e restringem as suas fontes de inspiração. As tecnologias de informação e comunicação e as ciências de computação, apesar de mais jovens, estão cativas da mesma problemática. No contexto actual de domínio da tecnociência é imperativo apontar novos caminhos e denunciar práticas obsoletas e destruidoras do tecido social.

É neste contexto que a fenomenologia material pode mostrar a sua plasticidade e poder de mudança, fomentando e energizando o capital humano. John Maynard Keynes, o britânico pai da macroeconomia, tem uma escrita irónica que capta a necessidade de mudança. Este imperativo e urgência de mudança constitui-se como um dos grandes desafios ao desenvolvimento de abordagens concretas e aplicadas do pensamento de Michel Henry.

Como exemplo de máximas de Keynes que assentam que nem uma luva no argumento imperativo da utilização de modelos de pensamento radicais e disruptivos como o de Henry, seguem algumas citações keinesianas a título exemplificativo:

- “São as ideias que moldam o decurso da história.”
- “A dificuldade está não tanto em desenvolver ideias novas como em escapar das ideias antigas.”
- “A sabedoria mundana ensina-nos que é melhor para a reputação falhar convencionalmente do que ter sucesso de forma não convencional.”
- “Um estudo da história da opinião é um preliminar necessário à emancipação da mente.”
- “Quando a expectativa é de que o resultado final seja um compromisso, então é prudente começar por uma posição extrema.”
- “As palavras devem ser um tanto ou quanto selvagens para que possam tomar de assalto os pensamentos naquilo que é impensável.”
- “O longo prazo é um guia enganatório para os assuntos correntes. No longo prazo estaremos todos mortos.”

Modelos de pensamento que caracterizam civilizações são modelos de racionalidade cuja lógica de funcionamento cria tensões, forças criativas, mesmo que contraditórias, mesmo que em conflito. São estas tensões que fazem avançar a história.

Se toda a filosofia ocidental é uma resposta a Parménides, como refere Hegel, no século XIX, nas Lições de Estética, então Henry é herdeiro dos pré-socráticos no sentido em que denuncia a barbárie de uma civilização que prefere perecer a largar os preconceitos incrustados no seu pensamento dominante, redutor e hegemónico.

Assim, será imperiosa uma militância que possa responder à necessidade de uma reformulação ideológica, de explicitação dos valores fundacionais das sociedades



contemporâneas. A civilização ocidental contamina e é contaminada, coloniza e é colonizada, pois num mundo globalizado os elementos já não são puros. O cosmopolitismo e a unidade diversificada são um benefício, desde que não criem guetos e áreas de auto-exclusão. A fenomenologia henriana segue a lógica dos afectos. E é o mundo da afectividade que tudo integra, tudo acolhe, tudo articula e tudo suporta.

## **Conclusão**

A urgência da mensagem filosófica a que a obra de Henry convoca todos os videntes, na senda llansoliana, é uma tarefa que não exclui áreas disciplinares, académicas, profissionais ou científicas. É uma tarefa de todos para todos. São os conceitos de ipseidade e de afectividade que permitem mobilizar uma narrativa aberta, integradora, crítica e regeneradora. O desafio é reequacionar o papel da ciência, da tecno-ciência e das estruturas sócio-técnicas no sentido de torná-las permeáveis às questões da vida e da existência humana. Uma economia, política ou ecologia expandida até aos horizontes da fenomenologia material de Henry daria frutos em abundância, no concreto do aqui e agora. Tal é um desafio que se dirige quer às super estruturas, quer aos lugares comuns, do quotidiano, pois nada escapa à vida que se manifesta sem cessar, à vida que é manifestação de vida.

*“Quando eu nasci, as frases que hão-de salvar a humanidade já estavam todas escritas, só faltava uma coisa - salvar a humanidade.” - Almada Negreiros*

## **Bibliografia**

*L’Essence de la manifestation* (1963)

*Philosophie et Phénoménologie du corps* (1965)

*Généalogie de la psychanalyse. Le commencement perdu* (1985)

*La Barbarie* (1987)

*Phénoménologie matérielle* (1990)